

**DIÁLOGO DE SABERES A PARTIR DA COMUNIDADE
TRADICIONAL CAIÇARA DO GUARAGUAÇÚ, PONTAL DO
PARANÁ/PR**
**DIALOGUE OF KNOWLEDGE FROM THE TRADITIONAL COMMUNITY
CAIÇARA OF GUARAGUAÇÚ, PONTAL DO PARANÁ/PR**

Daniele Borges da Silva ¹
Antônio Marcio Haliski ²

Resumo: Estudos sobre comunidades tradicionais estão em evidência na América Latina, assim, apresentaremos como se deu a formação do caiçara, no litoral paranaense, especificamente na comunidade do Guaraguaçu, localizada no município de Pontal do Paraná/Pr. Uma das características dos moradores desta comunidade são os saberes tradicionais, transmitidos de geração em geração, tais saberes relacionam-se ao manuseio de plantas medicinais, da agricultura, culinária, artesanato, entre outros. Metodologicamente, objetivamos analisar esses saberes e relacionar os tipos de conhecimentos tradicionais com o conhecimento científico, a partir de uma ótica da CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade), tendo como embasamento teórico pensadores da Escola de Edimburgo, como David Bloor, a partir do pressuposto de que o conhecimento se refere às crenças que as pessoas sustentam com confiança e com as quais regem a vida. Com Antonio C. Diegues abordaremos a formação da identidade caiçara, para entendermos a formação da comunidade. Com objetivo de compreender esses saberes silenciados, do ponto de vista dos atores e atrizes sociais, utilizaremos trabalhos acadêmicos, produzidos, em geral, pelos próprios moradores da comunidade. A antropóloga Manuela Carneiro da Cunha (2009), aborda as relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. Deste modo, objetivamos evidenciar o saber tradicional caiçara não como dicotômico do conhecimento científico, mas como uma possibilidade de saber e racionalizar a realidade.

Palavras-chave: Caiçara; Guaraguaçu; Saberes tradicionais; Conhecimento científico.

Abstract: Studies on traditional communities are in evidence in Latin America, so we will present how the formation of caiçara, on the coast of Paraná, specifically in the community of Guaraguaçu, located in the municipality of Pontal do Paraná/Pr. One of the characteristics of the residents of this community is the traditional knowledge, transmitted from generation to generation, such knowledge is related to the handling of medicinal plants, agriculture, cooking, crafts, among others. Methodologically, we aim to analyze these knowledge and to relate the types of traditional knowledge with the scientific knowledge, from a perspective of the CTS (Science, Technology and Society), having as theoretical background thinkers of the Edinburgh School, as David Bloor, from assumption that knowledge refers to the beliefs that people hold confidently and with which

¹ Licenciada e bacharela em Ciências Sociais, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Mestranda em Ciência, Tecnologia e Sociedade, Instituto Federal do Paraná (IFPR), PR – Brasil. Email: borgesdaniele93@gmail.com

² Professor do Instituto Federal do Paraná (IFPR), PR – Brasil. Email: antonio.haliski@ifpr.edu.br

they rule life. With Antonio C. Diegues we will approach the formation of caiçara identity, in order to understand the formation of the community. In order to understand these silenced knowledge, from the point of view of social actors and actresses, we will use academic works, produced, in general, by the residents of the community. Anthropologist Manuela Carneiro da Cunha (2009), deals with the relations and dissensions between traditional knowledge and scientific knowledge. In this way, we aim to evidence traditional knowledge caiçara not as dichotomous of scientific knowledge, but as a possibility to know and rationalize reality.

Keywords: Caiçara; Guaraguaçu; Traditional knowledge; Scientific knowledge.

1 INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que a ciência não é constituída numa linha evolutiva contínua, mas que se constrói por meio de processos e de rupturas de paradigmas. No primeiro momento serão abordados os processos de formação do conhecimento científico e dos saberes tradicionais.

Essa primeira análise se fará a partir da ótica de autores engajados na discussão de CTS – Ciência, Tecnologia e Sociedade, como o físico e filósofo Thomas Kuhn (2013) e o representante do Programa Forte da Sociologia do Conhecimento David Bloor (2009). Os autores partem da premissa de que o conhecimento é uma construção social.

A partir dessa discussão a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha (2009) aborda as relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. Pelo mesmo viés, o sociólogo Dimas Floriani (2016) propõe um debate sobre “os desafios epistemológicos para o pensamento socioambiental contemporâneo: a produção do conhecimento institucional e sua relação com os demais saberes e práticas”, tendo como referência as Epistemologias do Sul de Boaventura de S. Santos (2009).

O sociólogo Boaventura de S. Santos (2002) critica o processo de colonização da ciência moderna, pois este é excludente para com as culturas tradicionais. Portanto, o autor propõe epistemologias alternativas que reconheçam

e deem visibilidade à diversidade cultural, de saberes e de identidades étnicas existentes. Transformando, assim, as ausências em presenças.

Devido à vários fatores históricos, como a relação de poder e dominação epistemológica, e ao próprio processo de colonização da ciência moderna que está fundamentada nos objetivos e interesses do capitalismo, os povos tradicionais foram historicamente excluídos e silenciados (SANTOS, 2002).

Nesse contexto estão inseridas as comunidades tradicionais caiçara. Para compreender a formação da identidade caiçara utilizaremos a obra Enciclopédia Caiçara do sociólogo Antonio C. Diegues (2004). A análise, portanto, se limitará à comunidade caiçara do Guaraguaçu, localizada no município de Pontal do Paraná/Pr. Com objetivo de compreender esses saberes silenciados, do ponto de vista dos atores e atrizes sociais, utilizaremos trabalhos acadêmicos produzidos, em geral, pelos próprios moradores da comunidade.

Contudo, esta pesquisa tem por objetivo propor um diálogo de saberes entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais. A fim de compreender o processo social de construção do conhecimento e dos saberes, e visibilizar as comunidades tradicionais a partir da caracterização dos povos tradicionais caiçara do litoral paranaense.

Metodologicamente, objetivamos analisar esses saberes e relacionar os tipos de conhecimentos tradicionais com o conhecimento científico a partir de uma ótica da CTS, tendo como embasamento teórico pensadores da Escola de Edimburgo, como David Bloor(2009).

2 A FORMAÇÃO DOS SABERES ENQUANTO PROCESSOS

Autores contemporâneos como Kuhn (2013) e Bloor (2009), a partir de um olhar de CTS, se propõem a explicar os processos de formação dos saberes. De acordo com Leff (2010, p. 10) “o conhecimento não avança em uma evolução contínua, mas por rupturas epistemológicas e mudanças de paradigmas”.

O conceito de paradigma segundo Kuhn (2013, p. 53) refere-se às “realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”.

Segundo Kuhn (2013), a ciência é uma construção social e histórica para a qual é necessário romper com os paradigmas antigos quando estes se mostram insuficientes. Dessa forma, surge a anomalia ou período de crise, que possibilita a formulação de novos paradigmas por meio de revoluções. “Para ser aceita como paradigma, uma teoria deve parecer melhor que suas competidoras, mas não precisa (e de fato isso nunca acontece) explicar todos os fatos com as quais pode ser confrontada” (KUHN, 2013, p. 80).

Quando surge um novo paradigma para substituir o antigo ocorre aquilo que Kuhn (2013) chama de “revolução científica”, possibilitando, assim, o surgimento de novas teorias. O autor caracteriza tais revoluções científicas como sendo “aqueles episódios de desenvolvimento não cumulativo, nos quais um paradigma mais antigo é total ou parcialmente substituído por um novo, incompatível com o anterior” (KUHN, 2013, p. 177). Ou seja, é quando ocorre a mudança de paradigmas que norteiam a pesquisa científica.

Em contrapartida, a antropóloga Cunha (2009) diz que

[...] essa universalidade do conhecimento científico não se aplica aos saberes tradicionais – muito mais tolerantes – que acolhem frequentemente com igual confiança ou ceticismo explicações divergentes cuja validade entendem seja puramente local (CUNHA, 2009, p. 301).

Concordando com Kuhn (2013), Cunha (2009) diz que os saberes tradicionais e o saber científico têm em comum que “ambos são formas de procurar entender e agir sobre o mundo. E ambas são também obras abertas, inacabadas, sempre se fazendo.” (CUNHA, 2009, p. 301).

Bloor (2009), representante da Escola de Edimburgo, concorda que a ciência consiste num processo social. O autor ressignifica o conceito de

conhecimento como sendo uma grande variedade de valores políticos, religiosos, econômicos e ideológicos. Segundo o autor, o conhecimento é qualquer crença que uma sociedade usa para explicar o mundo e que possui um poder coercitivo sobre ela, assim como as normas sociais (BLOOR, 2009).

O Programa Forte da Sociologia do Conhecimento, representado por Bloor (2009), estabelece os quatro princípios de uma explicação satisfatória da natureza e da mudança do conhecimento científico: causalidade, imparcialidade, simetria, reflexividade. Em linhas gerais, significa pensar quais as causas sociais que foram acionadas para explicar a crença dos cientistas. Não é trazer julgamentos e valores colocando grau de superioridade ou inferioridade. Mas, é tentar compreender a dinâmica dos fatores sociais que vão dar origem a diferentes teorias científicas (BLOOR, 2009).

[...] para o sociólogo, o conhecimento é tudo aquilo que as pessoas consideram conhecimento. Ele consiste naquelas crenças que as pessoas sustentam com confiança e com as quais levam a vida. O sociólogo estará interessado em particular pelas crenças que são assumidas como certas, institucionalizadas ou, ainda, investidas de autoridade por grupos de pessoas. O conhecimento, é claro, deve ser distinguido da mera crença – algo que pode ser feito ao que se reservar a palavra “conhecimento” para aquilo que é endossado coletivamente, deixando valer como mera crença o idiossincrático e o individual (BLOOR, 2009, p. 18).

Segundo Cunha (2009), a dicotomia entre conhecimento científico e conhecimento tradicional está na diferença que “a ciência moderna hegemônica usa conceitos, a ciência tradicional usa percepções. É a lógica do conceito em contraste com a lógica das qualidades sensíveis.” (CUNHA, 2009, p. 302).

De acordo com Cunha (2009), as diferenças e dissensões entre conhecimento científico e saberes tradicionais não são o problema. A dificuldade está em encontrar os meios institucionais para preservar a vitalidade da produção do conhecimento tradicional e, ao mesmo tempo, reconhecer e valorizar suas contribuições para o conhecimento científico.

3 A AUSÊNCIA DO DIÁLOGO DE SABERES

Floriani (2016), ao apresentar a conferência sobre “os desafios epistemológicos para o pensamento socioambiental contemporâneo: a produção do conhecimento institucional e sua relação com os demais saberes e práticas”³, realiza o debate sobre a dicotomia entre os saberes científicos e saberes tradicionais.

O sociólogo faz uma crítica ao processo de colonização do conhecimento a partir do conceito de Epistemologias do Sul⁴ de Santos (2009). Segundo Floriani (2016) os conhecimentos formados e reproduzidos nas universidades estão embasados na ciência moderna ocidental do Norte geográfica e epistemologicamente, conforme escreve:

Todos os nossos autores, as nossas referências, a nossa formação, inclusive escolar, se remete a essa epistemologia do Norte. Nós temos alguns países chaves que definiram a maneira como nós articulamos e organizamos o conhecimento. Todos os que se formaram e formam aqui, por exemplo, na área de Humanas e de Ciências Sociais, nossos autores de referência são autores europeus, latinos, anglo-saxões ou alemães. E foi neste berço, nesta origem que nós baseamos todas as nossas categorias de análise, a formação do conhecimento científico – que é o legado da modernidade – e a maneira de como nós reproduzimos e formamos o conhecimento é nessa imensa matriz de um pensamento ocidental (FLORIANI, 2016, p. 183).

A partir dessa premissa e, de acordo com a abordagem inicial sobre o processo de formação dos saberes, Floriani (2016, p. 184) diz que “[...] a ciência não é tão neutra nem isenta de conflitos e interesses como uma certa epistemologia do objetivismo quer defender”. Dessa forma, o autor propõe a valorização do pluralismo cultural no litoral paranaense onde, segundo ele, “há uma diversidade tamanha de situações culturais, que seria lamentável se a gente

³ Conferência de abertura do III Seminário de Projetos de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável (PPGDTS), da Universidade Federal do Paraná, realizada em 30 de junho de 2016, na cidade de Matinhos (PR).

⁴ “[...] as epistemologias do Sul são o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa supressão [de povos e culturas], valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos.”. (SANTOS, 2009, p. 11).

operasse apenas com uma epistemologia ou com uma concepção de conhecimento [...]” (FLORIANI, 2016, p. 192).

É por isso que nós vamos sempre acrescentando a essa ideia de uma epistemologia da diversidade uma epistemologia cultural, uma epistemologia híbrida, uma epistemologia política, a relação da ciência com os valores, a relação do conhecimento com a cultura (FLORIANI, 2016, p. 182).

Santos (2002) concorda que a ciência atual não reconhece a diversidade de conhecimentos e saberes, ao contrário, exclui experiências alternativas. Por isso, é contrário à ciência ocidental a qual denomina de “razão indolente” (SANTOS, 2002, p. 246). Para tanto, o autor propõe uma nova racionalidade, a razão cosmopolita.

O objetivo desta nova racionalidade é romper com a razão indolente e dar visibilidade aos saberes tradicionais marginalizados e silenciados. A partir de uma “sociologia das ausências” que consiste em “transformar objectos impossíveis em possíveis e com base neles, transformar as ausências em presenças” (SANTOS, 2002, p. 246).

Segundo Floriani (2016), as comunidades tradicionais “tecem estratégias com base nas suas identidades étnicas e culturais, muitas vezes marginalizadas e invisibilizadas, mas que se reconstróem por meio de estratégias de resistências” (FLORIANI, 2016, p. 186).

Por meio dessa literatura é possível vislumbrar que a comunidade tradicional caiçara é produtora de saber e está inserida nesse processo de resistência e de reconstrução da formação da sua identidade. Dessa forma, é necessário realizar uma análise mais aprofundada para compreender como se deu a formação dos povos caiçaras no litoral do Paraná/Pr.

4 A FORMAÇÃO DOS POVOS TRADICIONAIS CAIÇARA

Segundo Diegues (2004), caiçaras são as comunidades formadas a partir da miscigenação entre povos indígenas, colonizadores portugueses e povos africanos escravizados. Os povos tradicionais caiçara possuem uma forma de vida baseada na agricultura, pequena pesca, do extrativismo vegetal e do artesanato. Essa cultura formou-se principalmente na região litorânea dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Segundo Diegues (2004), a cultura caiçara ou *modos de vida caiçara*⁵ consiste num conjunto de valores, visões de mundo, práticas cognitivas e símbolos compartilhados que regem as relações dos indivíduos com a natureza e “se expressam em produtos materiais (tipo de moradia, embarcação, instrumentos de trabalho) e não materiais (linguagem, música, dança, rituais religiosos)” (DIEGUES, 2004, p. 23).

Estes valores culturais estão relacionados à tradição caiçara que, segundo o autor, “é entendida não como algo imutável, mas como processo histórico pelo qual elementos da cultura chamada moderna são continuamente reinterpretados e incorporados ao modo de vida.” (DIEGUES, 2004, p. 23).

A tradição caiçara é entendida como um conjunto de valores, de visões de mundo e simbologias, de tecnologias patrimoniais, de relações sociais marcadas pela reciprocidade, de saberes associados ao tempo da natureza, músicas e danças associadas à periodicidade das atividades de terra e de mar, de ligações afetivas fortes com o sítio e a praia (DIEGUES, 2004, p. 22-23).

Essa tradição, herdada dos antepassados, é reatualizada e passada às novas gerações através da oralidade (DIEGUES, 2004). Embora para o senso comum “o conhecimento tradicional é um tesouro no sentido literal da palavra, um conjunto acabado que se deve preservar, um acervo fechado transmitido por

⁵[...] *Modos de vida* caiçara é entendido como a forma pela qual as comunidades praianas ou praias do Sudeste organizam a produção material, as relações sociais e simbólicas dentro de um determinado contexto espacial e cultural. A produção material e não material da vida não são espaços separados, mas combinam-se para produzir seu modo de vida.”. (DIEGUES, 2004, p. 22).

antepassados e a que não vem ao caso acrescentar nada.” (CUNHA, 2009, p. 301).

Segundo a Cunha (2009), este pensamento está equivocado pois, ao contrário, “[...] o conhecimento tradicional reside tanto ou mais nos seus processos de investigação quanto nos acervos já prontos transmitidos pelas gerações anteriores. Processos. Modos de fazer.”(CUNHA, 2009, p. 301).

Sendo assim, a cultura caiçara está em constante processo de reconstrução e de ressignificação dos seus saberes. “A cultura se adapta, transforma-se, mas mantém um núcleo fundamental de seu modo de vida e de sua relação com o mar, além da afirmação de sua identidade.” (DIEGUES, 2015, p. 146).

Entretanto, as comunidades caiçaras estão ameaçadas pelos próprios órgãos de defesa da biodiversidade na região da mata-atlântica onde estas comunidades estão inseridas. Isso se dá devido à mentalidade reinante de muitos órgãos ambientais de que “esses territórios marítimos são vazios, o que contradiz o fato de que neles existem atividades pesqueiras que podem ser compatíveis com a conservação biológica.” (DIEGUES, 2015, p. 145).

4.1 O caso de resistência do Guaraguaçu

A comunidade do Guaraguaçu está localizada na área rural do município de Pontal do Paraná/Pr, na Rodovia ArgusTháHeyn km 14,5, na PR 407 no Litoral Paranaense. Formada há mais de 150 anos, às margens do rio Guaraguaçu, atualmente, “cerca de 85 famílias (aproximadamente 300 moradores) vivem na comunidade e a maioria não vive mais como seus antepassados”(RAMOS, 2017, p. 8).

Francisca M. Kaminski (2012), turismóloga e moradora do Guaraguaçu, expõe as dificuldades encontradas ao realizar atividades tradicionais do *modo de vida* caiçara:

[...] a comunidade sobreviveu por muito tempo da agricultura e do extrativismo, tendo o comércio sua principal fonte de renda. Após algum tempo teve de reduzir ao extremo suas atividades devido a uma série de limitações impostas por fatores diversos, como a aplicação da legislação ambiental, a criação da Estação Ecológica do Guaraguaçu (EEG) e a interferência de grandes grileiros (KAMINSKI, 2012, p. 6).

Segundo Kaminski (2012), um dos maiores entraves que as artesãs estão sofrendo, é referente à lei ambiental⁶ que proíbe a extração de cipó, afetando diretamente a confecção de artesanato, símbolo da cultura e dos saberes tradicionais da comunidade, além de ser fonte de renda.

Com a criação de UCs⁷, os órgãos ambientais atuantes na região passaram a realizar um intenso monitoramento e controle das atividades extrativistas realizadas pela comunidade a fim de minimizar seus impactos sobre meio ambiente. A derrubada de florestas para as roças passou a ser proibida, assim como a caça. A extração de recursos florestais também foi restringida, principalmente a extração do palmito, a única fonte de renda das famílias. A partir daí o caiçara se lançava ao extrativismo clandestino. Vários moradores responderam criminalmente por suas atividades clandestinas e se viram subitamente colocados no banco dos réus, mesmo sendo uma das vítimas (GONÇALVES, 2007, p. 11).

De acordo com Gonçalves (2007), em decorrência dessas proibições advindas de novas leis ambientais, a comunidade do Guaraguaçu tem sofrido severas consequências de uma legislação que visa preservar a biodiversidade, no entanto, não reconhece o valor cultural e os saberes dos povos tradicionais que vivem na região.

Com essas proibições parte da cultura da comunidade foi perdida, como o fandango, o trançado do cipó para a confecção do artesanato e a produção de farinha, pois os moradores não tinham mais onde plantar e de onde extrair. Os fogões à lenha foram substituídos por gás, pois não tinham mais madeira para alimentar o fogo. Na pesca passaram a comprar canoas prontas de outras localidades onde o extrativismo ainda era realizado. A medicina tradicional foi reduzida dando lugar ao remédio

⁶§ 4º - A Floresta Amazônica brasileira, a Mata Atlântica, a Serra do Mar, o Pantanal Mato-Grossense e a Zona Costeira são patrimônio nacional, e sua utilização far-se-á, na forma da lei, dentro de condições que assegurem a preservação do meio ambiente, inclusive quanto ao uso dos recursos naturais (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

⁷ Unidades de Conservação.

industrializado e comprado e a transmissão dos saberes locais para os jovens caiu em desuso pela impossibilidade das práticas de manejo ambiental, decorrente da proibição de acesso aos espaços produtivos (GONÇALVES, 2007, p. 11).

Em suma, podemos perceber como a ausência de diálogo entre os saberes pode ter consequências danosas no âmbito cultural e econômico, sendo que a atividade produtiva que gerava renda e sobrevivência foi coibida através da legislação ambiental.

Se por um lado a legislação está preocupada em proteger e preservar a biodiversidade da mata-atlântica, por outro, está matando a cultura material e não material dos povos tradicionais, cuja identidade é formada a partir da tradição e dos costumes transmitidos de geração em geração por meio da oralidade e das práticas.

A interferência de leis ambientais, sem o (re) conhecimento sociocultural da comunidade, transforma diretamente o modo de vida caiçara. Dessa forma, a cultura e os saberes tradicionais estão constantemente se transformando, se reformulando e se reconstruindo, pois, as condições a qual estão inseridos e, devido as interferências externas, exigem esse caráter de resistência dos moradores. Em outros casos, os caiçaras se veem obrigados a abandonar a comunidade e migrar para áreas urbanas periféricas, favelas, e passam a viver em condições subumanas (DIEGUES, 2004).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa podemos refletir sobre a importância do diálogo de saberes e o reconhecimento da pluralidade epistemológica existente bem como a valorização da diversidade cultural, de saberes e de identidades étnicas.

De modo geral, apresentamos como se dá a formação dos saberes – científico e tradicionais – que buscam compreender a realidade e responder os

diferentes problemas que se colocam, sendo que ambos são construídos socialmente, por meio de rupturas e ressignificações. Outro fator comum é que nenhum dos dois é um saber acabado.

Todavia, pensar as dissensões a partir de uma ótica da CTS nos ajuda a compreender os efeitos sociais da ciência e da tecnologia. Evidenciar o saber tradicional caiçara não como dicotômico do conhecimento científico, mas como uma possibilidade de saber e racionalizar a realidade.

No caso específico do Guaraguaçu, observamos como as leis de preservação ambiental tem afetado e transformado a cultura e os saberes arraigados há tanto tempo. O objetivo, no entanto, não é apoiar ou contrariar a legislação, mas propor uma reflexão acerca das suas consequências sociais nos povos tradicionais. Contudo, acreditamos que o diálogo de saberes seja uma alternativa para que se obtenha êxito na preservação ambiental, sem que para isso precise sacrificar a diversidade cultural e os saberes dos povos tradicionais.

REFERÊNCIAS

BLOOR, David. **Conhecimento e imaginário social**. Tradução de Marcelo do Amaral Penna. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas e outros ensaios**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Anna (org.). **Enciclopédia caiçara: o olhar do pesquisador**. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2004.

DIEGUES, Antonio Carlos Santa'Ana. Territórios e comunidades tradicionais. *In: Guaju*, Matinhos, v.1, n.2, p. 144-149, jul/dez. 2015. DOI: 105380. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/guaju/article/view/45058>>. Acesso em: jan/2019.

FLORIANI, Dimas. Desafios epistemológicos para o pensamento socioambiental contemporâneo: a produção do conhecimento institucional e sua relação com os demais saberes e práticas. *In:Guaju*. Matinhos, v.2, n.2, p. 182-199, jul/dez. 2016. DOI: 105380. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/guaju/article/view/49762>>. Acesso em: dez/2018.

GONÇALVES, Marcelo de Abreu. **Comunidade do Guaraguaçu – História e Costumes**: uma contribuição à memória e a identidade caiçara do Paraná. Trabalho de Graduação (Licenciatura em História) – Setor de Ciências Humanas. FAFIPAR: Paranaguá, 2007.

KAMINSKI, Francisca Moura. **Cipozeiras do Guaraguaçu**: entre a proteção ambiental e a manutenção da cultura local. 2017.

KUHN, Thomas, S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução: Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 12 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. Tradução de Sandra Valenzuela. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

RAMOS, Daniele; CONSTANTE, Claudiomiro. **Café Caiçara**: possibilidade de atrativo turístico para a comunidade do Guaraguaçu. Trabalho de conclusão de Projeto de Aprendizagem. Universidade Federal do Paraná. Curso de Gestão de Turismo. 2013.

SANTOS, Boaventura Sousa de. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *In:Revista crítica de Ciências Sociais*. vol. 63, Outubro, 2002, p. 237-280.

SANTOS, Boaventura Sousa de. Para além do pensamento abissal: das linhas globais à uma ecologia de saberes. *In: SANTOS, Boaventura Sousa de; MENESES, Maria Paula (org.). Epistemologias do Sul*.Coimbra: Almedina, 2009, p. 9-72.